



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
ESCOLA DE MINAS
GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO



CRISTIANE BERNARDES DANTAS

**TEORIAS DOS ESPAÇOS UTÓPICOS EM DISTOPIAS:
UM ESTUDO DE CASO SOBRE A OBRA 1984**

Ouro Preto – MG
2018

CRISTIANE BERNARDES DANTAS

TEORIAS DOS ESPAÇOS UTÓPICOS EM DISTOPIAS:
UM ESTUDO DE CASO SOBRE A OBRA 1984

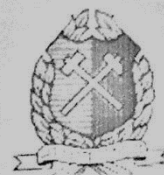
Trabalho Final de Graduação apresentado ao Curso de
Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Ouro Preto,
como requisito para a obtenção do grau de Bacharela em
Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Sulamita Fonseca Lino

Ouro Preto – MG
2018



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal de Ouro Preto
Escola de Minas
Departamento de Arquitetura e Urbanismo



ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Em 10 de Dezembro de 2018, reuniu-se a banca examinadora do trabalho apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso Arquitetura e Urbanismo da Escola de Minas da UFOP, intitulado: **TEORIAS DOS ESPAÇOS UTÓPICOS EM DISTOPIAS: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A OBRA 1984**, do aluno(a) **CRISTIANE BERNARDES DANTAS**.

Compuseram a banca os professores(as) **SULAMITA FONSECA LINO** (Orientadora), **PATRICIA THOMÉ JUNQUEIRA SCHETTINO** (Avaliadora 1) e **ANA PAULA SILVA DE ASSIS** (Avaliador 2). Após a exposição oral, o(a) candidato(a) foi argüido(a) pelos componentes da banca que reuniram-se reservadamente, e decidiram, pele aprovação, com a nota 8,00

Sulamita Lino

Orientador(a)

Patricia Thomé Junqueira Schettino

Avaliador 1

Ana Paula Silva de Assis

Avaliador 2

*Ao FANLIPWA, a quem recorri nas horas mais sombrias,
e, em memória, à Voinha e Graci.*

Resumo

Este trabalho propõe uma diferente abordagem a respeito das teorias de espaços utópicos criadas e ensinadas durante o curso de Arquitetura e Urbanismo, e para que essa diferente abordagem se concretize, essas teorias serão paralelamente analisadas com trechos da obra distópica literária *1984*, de George Orwell. Primeiramente entende-se a história e onde ela é vivida, selecionando as principais descrições espaciais, criando uma rede de características sobre o ambiente onde a distopia é narrada. Depois, foram escolhidas seis teorias de espaços utópicos diferentes, evidenciando suas principais características, e que possuísem elementos vistos em *1984*. Com isso, é realizada a comparação e sobreposição entre teorias utópicas arquitetônicas e urbanísticas e um cenário oposto ao ideal proposto pelos estudiosos que conceberam tais utopias, onde seus elementos principais são usados não para melhoria de vida do usuário, mas sim para a vigia e controle da população.

Palavras-chave: 1984; espaços utópicos; distopia literária; arquitetura e literatura.

Abstract

This work proposes a different approach regarding the theories of utopian spaces created and taught during the Architecture and Urbanism course, and, in order to achieve this different approach, these theories shall be analysed in parallel with excerpts from the dystopian literary work 1984, by George Orwell. Primarily, we understand the story and where it is lived, selecting the main space descriptions, creating a network of characteristics of the place where the dystopia takes place. Then, six different theories of utopian spaces were selected, highlighting their main characteristics, that possessed elements seen in 1984. Thus, the comparison and overlapping between architectural and urbanistic utopian theories and an opposing setting to the ideal proposed by the scholars who proposed such utopias, in a scene where the main elements are used not to improve the users' lives, but rather to monitor and control the population, is achieved.

Keywords: 1984; utopian spaces; literary dystopia; architecture and literature.

SUMÁRIO

1 Introdução.....	7
2 Justificativa.....	9
3 Objetivos.....	10
4 Metodologia.....	11
5 1984.....	12
6 Os espaços utópicos.....	14
6.1 O Cenotáfio - Étienne-Louis Boullée	14
6.2 Cidade-Jardim – Ebenezer Howard	17
6.3 Cidade Industrial – Tony Garnier	19
6.4 Ville Radieuse – Le Corbusier.....	21
6.5 Broadacre City – Frank Lloyd Wright.....	24
6.6 Plug-in City – Archigram	26
7 Paralelos entre ambiências.....	29
7.1 Espaços internos e áreas de vivência	29
7.2 Paisagem e volumetrias urbanas	33
7.3 Demais descrições e seus paralelos.....	35
8 Considerações finais.....	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	38

1 Introdução

Com a revolução industrial houve o grande desenvolvimento das metrópoles, com início na Grã-Bretanha e depois observadas na Alemanha e França, durante o século XIX. Este fato provocou o fenômeno de expansão populacional e urbana – e a necessidade de suprir as novas demandas por moradia e infraestrutura, e de reflexão e análise das cidades, bem como as primeiras teorias a respeito do que seria ideal para abrigar a sociedade que se erguia nas antigas cidades europeias. É a partir de tal necessidade que surge o que, segundo Françoise Choay (1965), definiu-se o pré-urbanismo: estudos e obras que partem dos profissionais dos mais diversos campos do conhecimento (como historiadores, filósofos e economistas), com análises algumas vezes sem modelos para intervenção e voltados para uma “visão global da sociedade” (CHOAY, 1965, p. 18). É de tal ponto que surgem as primeiras teorias, que foram nomeadas como espaços utópicos, que é a concepção de espaços e modelos através do olhar de estudiosos na área do urbanismo, com foco em responder as necessidades da sociedade pós-revolução, porém com grande parte deste trabalho permanecendo sem aplicação real – logo, ainda considerado utopia.

E aqui vale uma breve explicação de dois conceitos que serão amplamente citados durante este trabalho: o de utopia e o de distopia. A palavra utopia, citada pela primeira vez pelo filósofo Thomas More (Século XVI), foi um termo utilizado como objeto de título de sua obra. *Utopia* tem como origem etimológica a palavra grega *tópos*, que significa lugar, acrescida do prefixo *u*, que vem a significar não. Utopia seria então um não-lugar, o que mais tarde teve seu significado associado a um lugar perfeito imaginário. Já o termo distopia, ainda que um lugar (*tópos*), o prefixo *dis* – remetendo a doente, algo que apresenta mal funcionamento - tornam o significado da palavra, de forma literal, a forma distorcida de um lugar (HILÁRIO, 2013, p. 205).

Tais concepções (e que serão objeto de estudo neste trabalho), elaboradas no período dentre meados de 1750 até o final da década de 1960, como já dito, tiveram baixíssima aplicação real – poucos exemplos foram de fato construídos. Durante o Movimento Moderno temos cidades construídas sob influência do traçado de tais espaços utópicos – como exemplo a Ville Radieuse (Le Corbusier, 1933) - que influenciou todo o planejamento urbano no período Moderno, e até posteriormente a essa etapa.

Tendo em vista a análise das teorias de espaços utópicos dos diferentes arquitetos: Boullée (1728-1799), Haward (1850-1928), Garnier (1869-1948), Le Corbusier (1887-1965),

Frank Lloyd Wright (1867-1959) e o grupo *Archigram* (década de 1960), este trabalho tem como ponto de partida a análise sobre a validade destas teorias para a função da criação de ambiências positivas para o usuário. Após tal análise, também serão classificados e descritos os espaços encontrados na distopia literária *1984*, de George Orwell. Por fim, a sobreposição entre o que foi encontrado na obra ficcional e as teorias de espaços utópicos criará um paralelo entre dois campos inversos: a utopia *versus* a distopia, e o uso de ferramentas imaginadas para satisfação e melhor aproveitamento de uma sociedade, em contraponto, sendo utilizadas para vigiar, subordinar e punir a mesma.

2 Justificativa

Durante o curso de Arquitetura e Urbanismo, principalmente em suas disciplinas de cunho teórico, percorremos diversas análises espaciais e atos projetuais que marcaram a história, em movimentos artísticos ou em atos isolados. Diversos estudiosos das diferentes vertentes do saber procuraram opinar sobre a espacialidade, e como o ser humano deve ocupá-la. Com isso, muitas teorias para a ocupação dos espaços se tornaram famosas: algumas por sua disseminação e sucesso perante os demais estudiosos, e até com a construção de obras no mínimo inspiradas por aqueles preceitos; outras por sua irreabilidade, tecnologia avançada e ousadia, se tornando impossíveis de serem realizadas, mas não de serem admiradas.

Contudo a forma que o conhecimento sobre tais teorias é passado dentro da academia muitas vezes se restringe aos moldes padrões de ensino. Decora-se a história, ao invés de refletir-se sobre a mesma. Desta forma o conhecimento se torna mecânico, restringindo-se ao saber acadêmico, sem conexões com o mundo fora da universidade.

Logo, este trabalho tem como justificativa uma diferente abordagem a respeito das teorias de espaços utópicos criadas e ensinadas durante o curso de Arquitetura e Urbanismo, e para que essa diferente abordagem se concretize, essas teorias serão contextualizadas em uma obra distópica literária.

3 Objetivos

O objetivo geral deste trabalho é o paralelo entre as teorias utópicas arquitetônicas e urbanísticas em um cenário, também ficcional, oposto ao ideal proposto pelos estudiosos que conceberam tais utopias.

Os objetivos específicos são:

- Abordar, de forma diferenciada, teorias consideradas consagradas para estudiosos da história da Arquitetura e Urbanismo;
- Analisar, nos parâmetros de concepção espacial, o livro *1984* (ORWELL, 1949);
- Contrapor os cenários utópicos de conhecimento acadêmico à uma obra literária ficcional.

4 Metodologia

A antologia de teorias urbanas é vasta e dividida em diversas correntes: desde o pré-urbanismo, com a divisão entre modelos progressistas e culturalistas, até as propostas da segunda metade do século XX – que, segundo Benevolo (1983, p. 725) poderiam focar em soluções para uma minoria dominante ou analisar a divisão dentro das cidades, entrando em quesitos políticos e sociais. Diante de tamanha diversidade, as escolhas das teorias de espaços utópicos para este trabalho tiveram como critério a similaridade das mesmas com aspectos vistos, de forma geral, na distopia literária 1984 (ORWELL, 1949). São elas: O Cenotáfio (1784), As Cidades-Jardim (1898), A Cidade Industrial (1917), a Ville Radieuse (1935), Broadacre City (1934) e a Plug-in City (1964).

Tais escolhas são embasadas, primeiramente, nas descrições dos espaços feitas por ORWELL, que aqui são discriminadas e colocadas à análise, enquanto traçamos o paralelo entre os estudos realizados sobre teorias espaciais.

5 1984

A obra que será a conexão entre as teorias de espaços utópicos e um cenário distópico será o livro de George Orwell, *1984*. O livro foi publicado pela primeira vez em 1949, pouco antes da morte do autor (janeiro de 1950). A obra, posteriormente, também ganhou duas versões cinematográficas, primeiramente em 1956, dirigida por Michael Anderson e a segunda no próprio ano de 1984, dirigida por Michael Radford. As adaptações cinematográficas, neste trabalho, não serão levadas em consideração, tendo em vista a licença criativa para a criação de cenários que, algumas vezes, não são verossimilhantes aos descritos na obra literária.

A trama de *1984* se passa em Londres, apesar da distribuição de países não ser mais a mesma: o planeta se divide em 3 grandes nações, Lestásia, Oceania e Eurásia, e o regime totalitário em que o personagem principal vive, Winston Smith, controla a região que se chama Oceania (composta pelas atuais regiões das Américas, Inglaterra, Austrália, Nova Zelândia e uma parte da África). Ora a nação está em guerra com a Eurásia, ora está em guerra com a Lestásia – as duas outras nações mundiais. Tudo é alterado para que o passado seja conivente com o presente, e empodere as ações do Partido – controlador de toda a situação, que tem como líder máximo o Grande Irmão.

O cenário da Londres descrito por Orwell é controverso: o bloco de apartamentos onde vive está degradado, existem ruelas e casebres habitados pelo que se chamam proletas – pessoas que não são membros do Partido (85% de toda a nação de Oceania) enquanto os prédios destinados aos quatro ministérios do governo (Ministérios do Amor, da Pujança, da Paz e da Verdade, este último onde Winston trabalha) demonstram volumes arquitetônicos colossais e conservados. Em meio ao controle da vida de todos através de sistemas de teletelas (semelhantes às televisões) e até mesmo a ideia de que os pensamentos também são acessados, o protagonista tem um caso amoroso com Julia, e ambos exploram os diferentes cenários da Londres distópica – desde o esconderijo amoroso, aparentemente sem teletela, em meio à pobreza e falta de infraestrutura de saneamento básico de toda uma região habitada por proletas, até o campo acessado por vias férreas, onde o casal teve seu primeiro momento de liberdade sexual.

Mais do que uma literatura distópica, *1984* pode ser considerada atemporal em suas constatações e na forma como divide a distribuição de poder em ditaduras. As impressões pessoais que fui submetida a partir da leitura do livro *1984* foram desde uma referência ao governo soviético de Stalin, com semelhança descrita inclusive através das feições do personagem do Grande Irmão, com ponto forte em seu amplo bigode, até os princípios que

Orwell chama de *Socing*, palavra que segundo o idioma criado para a obra (*Novafala*) significa *Socialismo Inglês* (ORWELL, 2009, p. 49). *1984* é uma obra aclamada pela crítica literária e influente em diversos pontos entre pensadores e artistas contemporâneos, com opiniões descritas em diversos meios de informação, bem como observa o historiador britânico Ben Pimlott, cuja opinião é retratada em um posfácio, encontrada na 28ª reimpressão da 1ª edição de *1984*:

O romance, portanto, é sobretudo subversivo, um protesto contra as artimanhas dos governos. É uma saraivada contra o autoritarismo sobre toda a individualidade, uma polêmica contra toda ortodoxia, uma rajada anarquista contra todo conformista incondicional. [...] *1984* é um grande romance e um grande tratado por causa da clareza de seu chamado, e irá resistir porque sua mensagem é permanente: os pensamentos incorretos são a essência da liberdade.

(PIMLOTT. 1989, p. 381)

6 Os espaços utópicos

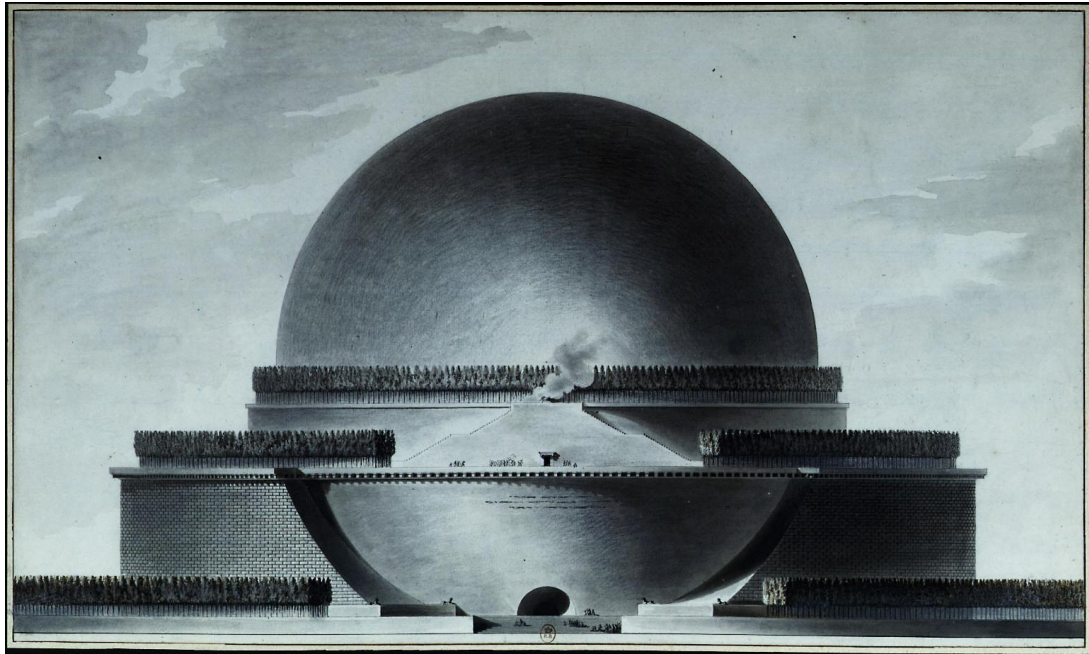
Foram escolhidas seis teorias para análise, cada qual com seu valor histórico e influência sob diversos outros trabalhos – como, por exemplo, o traçado de Brasília (1960, Brasil) e suas semelhanças com as diretrizes dadas por Le Corbusier em sua *Ville Radieuse* (1935). Estão aqui catalogadas pela ordem cronológica, e demonstram os conceitos pessoais dos arquitetos envolvidos, bem como uma ilustração dos diversos momentos da concepção dos espaços em quase 200 anos.

6.1 O Cenotáfio - Étienne-Louis Boullée

Das teorias apresentadas neste trabalho, tal concepção é a única que não parte para o traçado urbano – a necessidade de espacialização de moradias, indústrias e fluxos, dentre outras preocupações tangíveis a um planejamento urbano e as teorias urbanas utópicas. É a concepção de apenas um edifício utópico, ainda que aplicado em dimensões extremas e impactantes, e por tal motivo é tão importante ser citado.

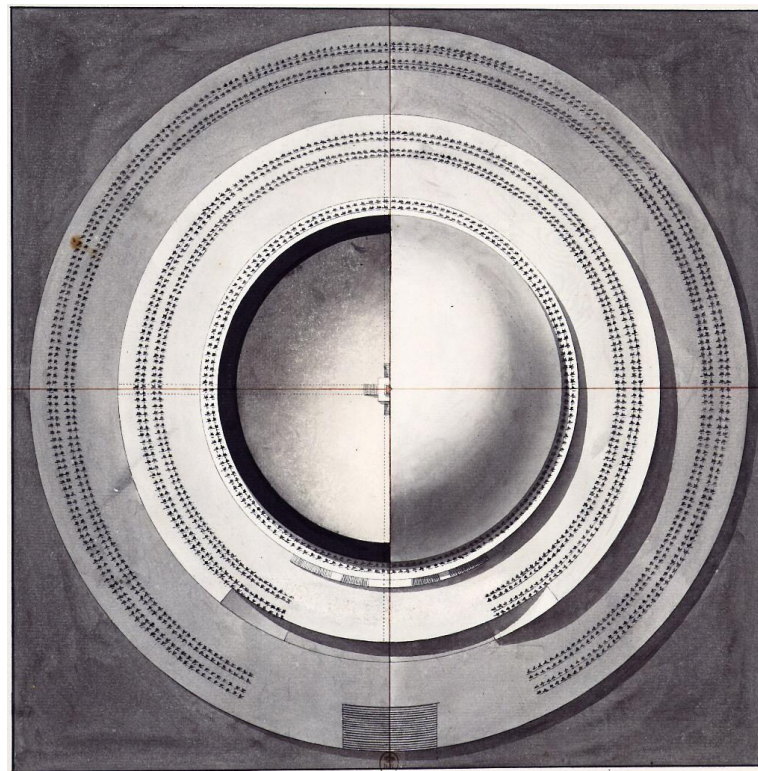
O Cenotáfio (1784) foi projetado por Étienne-Louis Boullée (1728-1799) como monumento funerário dedicado a Isaac-Newton (1643-1727). A esfera de 152 metros de diâmetro que se enterra no chão e compõe grande parte do volume, bem como o trabalho de luz e sombra, ilustram seu trabalho utópico e demonstra, segundo Frampton, “seu *genre terrible*, no qual a imensidão da perspectiva e a pureza geométrica sem adornos de forma monumental se combinavam de modo a promover alegria e angústia.” (FRAMPTON, 2008, p. 6). O monumento contaria também com uma única escadaria que daria acesso à um pedestal circular, além de duas rampas curvas, seguindo o desenho esférico (MILLER, 2016). Ao adentrar o mausoléu, o sarcófago de Newton e o monumental vazio criado pela gigante esfera esperam o visitante, encerrando a experiência.

Sua visão de como o arquiteto deve interagir com a natureza influencia sua concepção arquitetônica utópica, descrita por exemplo em seu livro (escrito entre 1796 e 1797, mas publicado apenas em 1953) *Arquitetura: Ensaio sobre a arte*: “O arquiteto, como aqui o vemos, deve ser capaz de manipular a natureza; com suas preciosas virtudes deve produzir o efeito de suas imagens e domar nossos sentidos” (SILVA, K., 2001 apud BOULLÉE, 1985, p. 30)



Source gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France

Figura 1: Fachada do Cenotáfio. Extraído de: Archdaily, 2018



Source gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France

Figura 2: Planta baixa e planta de cobertura do Cenotáfio. Extraído de: Archdaily, 2018

O Cenotáfio não foi o único projeto utópico onde Boullée expressou seu já citado *genre terrible*: as dimensões colossais e o jogo de luz e sombra também comparecem na platônica obra para uma Igreja Metropolitana – Metrópole.



Figura 3: Representação do projeto de igreja metropolitana (1781-1782). Extraído de: Archdaily, 2018

No que compreende o planejamento urbano, segundo Silva, K. (2001), Boullée raciocina, também em seu livro, sobre a hipótese de reconstrução de um país destruído, e demonstra sua preocupação tecnicista com o atendimento da necessidade/função básica de moradia em primeiro plano, bem como a salubridade das instalações e, posteriormente, o desenho de um plano diretor para as cidades – sempre obedecendo as variáveis da natureza e a distribuição dos edifícios já criados.

É importante aqui ressaltar que, segundo Choay (1965) o conceito de *urbanismo* surge apenas em 1910, logo, o que foi demonstrado nos estudos de Boullée e até mesmo antes do século XX seria o ensaio do que, durante a revolução industrial do século XIX, se chamaria *pré-urbanismo*.

Por fim, é interessante analisarmos como a visão de Boullée encontra na física e na matemática novas formas de demonstrar a natureza, traduzindo todo o entendimento sobre a mesma de forma racional e geométrica. Tal visão representa (apesar da grandeza megalomânica particular de seus projetos) também a visão de uma gama de arquitetos neoclássicos franceses, como Jacques-François Blondel (1618-1686) e Claude-Nicolas Ledoux (1736-1806), durante a segunda metade do século XVIII. A procura pela forma simplista, porém em grande escala, e livre de ornamento será vista novamente nas demais teorias, em conjuntos

habitacionais, edifícios de uso público e até mesmo em traçados viários, demonstrando a necessidade da imposição da lógica sob o processo de criação de espaços-modelo.

6.2 Cidade-Jardim – Ebenezer Howard

Na verdade, não existem, como se afirma constantemente, só duas possibilidades – a vida na cidade e a vida no campo. Há uma terceira solução, na qual todas as vantagens da vida mais ativa na cidade e toda a beleza e as delícias do campo podem estar combinadas de um modo perfeito.

(HOWARD, 1898 apud CHOAY, 1965, p. 220)

Ao final do século XIX alguns grupos passaram a refletir sobre o enorme aumento populacional de Londres, que passou de 2 milhões de habitantes em 1851 para 4,5 milhões de habitantes, em 1901 (BENEVOLO, 1983, p. 672). Dentre eles, a Associação para as Cidades-Jardim, encabeçada por Ebenezer Howard (1850-1928), que surge em 1898 e consegue, dentro de uma década, construir a cidade de Letchworth (1903), aos arredores de Londres. Tal construção tenta comprovar a teoria de Howard sobre o que ele chama de cidades-jardim, com publicação sobre o conceito, segundo Choay (1965, p. 219), através do livro *To-morrow: A Peaceful Path to Social Reform* (1898), reeditado posteriormente e republicado com o título *Garden Cities of To-morrow* (1902).

Howard explora o conceito de que a população moderna pode ser atraída por dois imãs: O imã-cidade, que oferece altos salários e uma vida social atraente, e o imã-campo, com suas belas paisagens e alugueis mais baratos. Contudo Howard apresenta contra-argumentos para cada um dos cenários, exemplificando problemáticas inerentes à vida tanto na cidade quanto no campo. Essa lógica permite que, ao final do conceito, o pré-urbanista apresente a proposta de um imã cidade-campo – o equilíbrio entre os dois ambientes, com o melhor de cada um. É então que a cidade-jardim começa a ser apresentada ao leitor.

Suas principais características são 1) a preferência pela forma radial; 2) seus gigantescos parques e cinturões verdes; 3) os seis bulevares que atravessam de forma retilínea toda a cidade 4) o comércio disposto em um cinturão próximo ao jardim central, chamado de Palácio Cristal, que se tornaria também um jardim de inverno e 5) o arremate com terrenos para fins agrícolas, na borda do planejamento, encerrando-se com mais um cinturão verde.

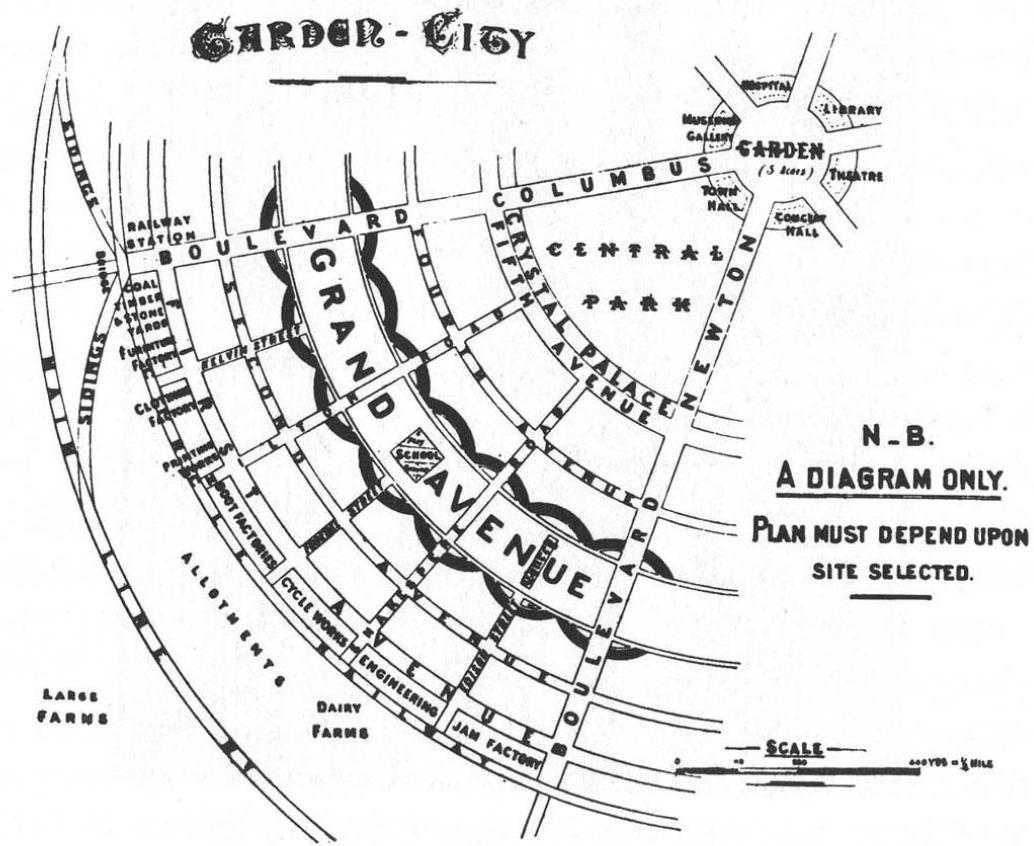


Figura 4: Ampliação do diagrama da Cidade-Jardim, com enfoque na Grande Avenida. Extraído de: SCOD Public Blog, 2018

Howard, contudo, limita o esquema de sua cidade-jardim à 32 mil habitantes. Sua preocupação em não romper com o elo cidade-campo o leva a criar um sistema de nichos interligados por vias férreas, cada um com as mesmas estruturas apresentadas na cidade-jardim, porém de forma a se tornarem uma cidade só.

Em sua teoria os moradores das cidades-jardim seriam inquilinos de uma administração pública, tendo em vista o arremate do terreno para toda a construção da cidade feito por “quatro homens de posses, de integridade e honra indubitáveis” (HOWARD, 1898 apud CHOAY, 1965 p. 221). Todo cidadão teria liberdade comercial, apesar da Cidade-Jardim ser a proprietária de todos os terrenos disponíveis no Palácio Cristal.

Frampton (2008, p. 47) aponta que o diagrama inicial de Howard não foi concretizado com a construção de Letchworth: “A estrada de ferro divide a cidade ao meio, a zona comercial é exposta ao tempo e a indústria misturada com as áreas residenciais de uma maneira totalmente utilitária” nos leva a entender que, apesar do legado deixado por Howard na história do

planejamento urbano, principalmente dentro da Inglaterra, sua teoria em completude é utópica, mesmo com duas tentativas de construção de cidades-jardim sob sua coordenação – a segunda, Welwyn, em 1919, também não conseguiu atingir os ideais teóricos de Howard.

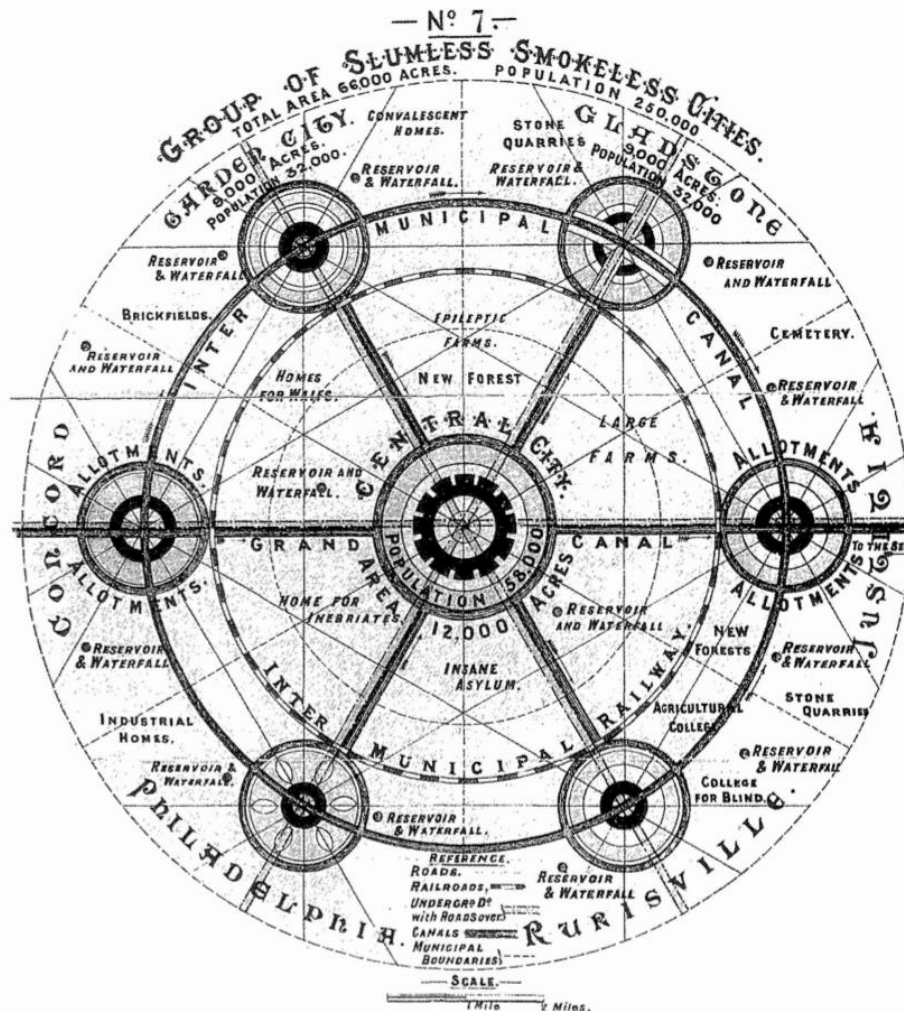


Figura 5: Esquema de cidades-jardim interligadas, segundo a perspectiva de Howard. Extraído de: SCOD *Public Blog*, 2018.

6.3 Cidade Industrial – Tony Garnier

Este é o resumo do programa de estabelecimento de uma cidade onde todos são conscientes de que o trabalho é a lei humana e de que há ideal bastante no culto da beleza e da bondade para tornar a vida esplêndida.

(GARNIER, 1917, apud CHOAY, 1965, p. 170)

Tony Garnier (1869-1948) não foi o primeiro arquiteto a conceber um modelo detalhado de cidade utópica, através de sua única manifestação teórica *Une Cité industrielle* (1917). Contudo, seria impossível abordar a criação de espaços utópicos sem citar o arquiteto francês,

que teve grande parte de sua carreira – e até mesmo de sua teoria – fomentada em Lyon, na França. Influenciado pela causa socialista e pela vivência em bairros operários, Garnier planejou seu projeto urbano tendo como referência a indústria, sendo o elemento chave de toda uma cidade.



Figura 7: O centro, com edifícios para reuniões em forma de losango, e moradias. Extraído de: Revista *France-Amérique, LLC*, 2018

Tal vivência industrial e socialista reflete em seu projeto: uma cidade sem muros, sem instituições como igrejas e quartéis, com toda sua área não-construída ocupada por parques públicos, e com setores bem definidos: edifícios públicos para reuniões e debates democráticos, estabelecimentos sanitários ao norte do centro da cidade e um local reservado para uma estação, com disposição de hotéis, lojas e mercado, e com proximidade à indústria. O sistema viário seria submetido a “uma hierarquia de ruas arborizadas de diferentes larguras” (FRAMPTON, 2008, p. 119). As tipologias disponíveis para setores residenciais deveriam ser livres de adornos e apresentavam, a princípio, dois andares, resultando em uma baixa densidade demográfica; o que foi revisto em 1932, através de uma complementação ao projeto que apresenta tipologias com maiores densidades.

Os regulamentos acerca da higiene, uso de luz e ventilação seriam seguidos à risca, e o projeto foi concebido pensando em uma cidade de médio porte àquela época, para cerca de 35000 habitantes. O método construtivo de destaque aqui seria o concreto armado.

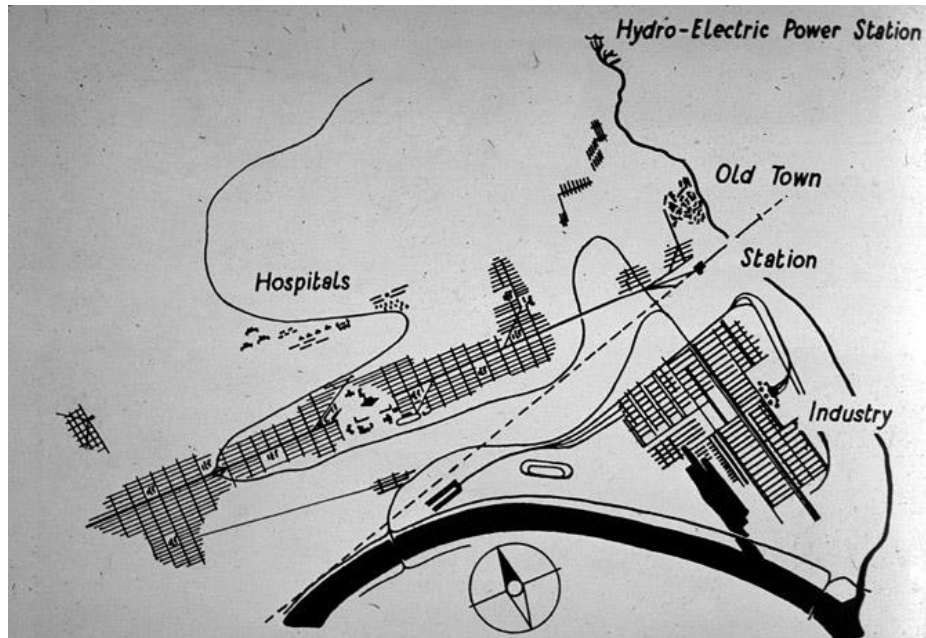


Figura 8: Projeto esquemático da cidade industrial. Extraído de: *Middlebury College*, 2018

Garnier dialoga, em sua proposta, com a possibilidade de existir uma cidade de traçado medieval próxima a sua cidade industrial, e mesmo em terreno que explora montanhas e planícies, o mesmo se mostra preparado para uma expansão de seu plano urbano, caso necessário.

A conclusão que se chega é que a cidade industrial de Garnier “continuava sendo, acima de tudo, a visão de uma arcádia socialista mediterrânica” (FRAMPTON, 2008, p. 120). Ainda segundo Frampton (2008), a organização urbana elaborada por Garnier veio a antecipar princípios da Carta de Atenas, de 1933, e a ter certo impacto sobre as concepções urbanísticas de Le Corbusier, que veremos a seguir.

6.4 Ville Radieuse – Le Corbusier

Charles-Édouard Jeanneret (1887-1965), Le Corbusier, trouxe diversos conceitos dentro do universo arquitetônico, como o Modulor (1945): as proporções ideias do homem, submetendo-as no ato projetual. Um outro conceito de Le Corbusier, e o que trabalharemos aqui, é o de que, segundo Choay:

[...] arquitetura e urbanismo são indissociáveis: uma arquitetura nova que ponha em prática as novas técnicas de construção e a nova visão do espaço só tem sentido quando integrada a uma cidade moderna.

(CHOAY, 1965 p.183)

É através desta ideia que, em 1935, foi publicado o livro *La Ville Radieuse*.

Sob olhar pragmático, segundo Benevolo (2012) Le Corbusier classifica quatro funções da vida na cidade: 1) habitar; 2) trabalhar; 3) cultivar o corpo e o espírito e 4) circular. Para dar forma a seu plano urbano é necessário começar do zero: o uso da tabula rasa para a concepção de uma nova cidade, de traçados ortogonais e limpos, tendo a casa como máquina de morar. Para isso, o terreno plano se mostra ideal, com ocorrências de rios distantes da cidade: “O rio é uma estrada de ferro sobre a água, é uma estação de mercadorias, uma estação de triagem. Em uma casa bem dividida, a escada de serviço não passa pela sala.” (LE CORBUSIER, 1935 apud CHOAY, 1965, p. 192)

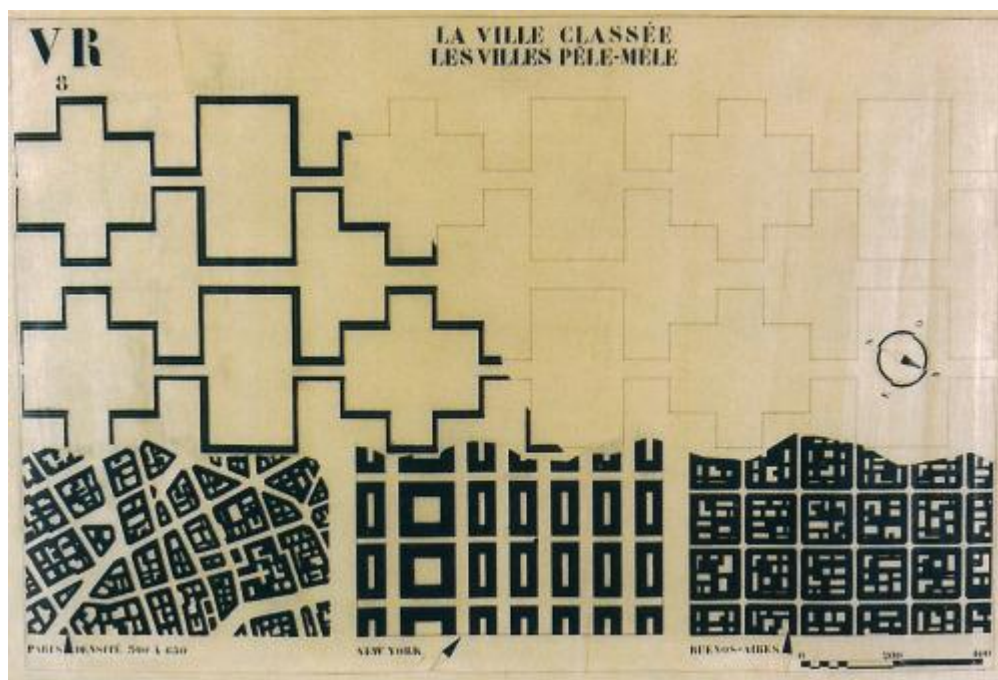


Figura 9: A proposição da Ville Radieuse em contraste com a malha de Paris, Nova York e Buenos Aires, respectivamente (1935). Extraído de: *Start-Up City Atlas*, 2018.

Os pontos chave para esse projeto são diversos, mas todos geram o sentimento de uma cidade inumana. Quanto às habitações, a produção em série de moradias com critérios mais econômicos, tendo sua unidade como um apartamento flexível, com a otimização de cada centímetro quadrado, e com divisórias corredeiras que poderiam criar quartos ou espaços de laser para crianças, segundo Frampton (2008), demonstram a ocupação humana na era da máquina.

Em relação à espacialização da cidade, era setorizada através de faixas em sentido paralelo:

Essas faixas destinavam-se aos seguintes usos: 1) cidades-satélites dedicadas à educação; 2) zona comercial; 3) zona de transporte incluindo trens e transporte aéreo; 4) zona de hotéis e embaixadas; 5) zona residencial; 6) zona verde; 7) zona de indústria leve; 8) armazéns e trens de carga e 9) indústria pesada.

(FRAMPTON, 2008, p. 217)

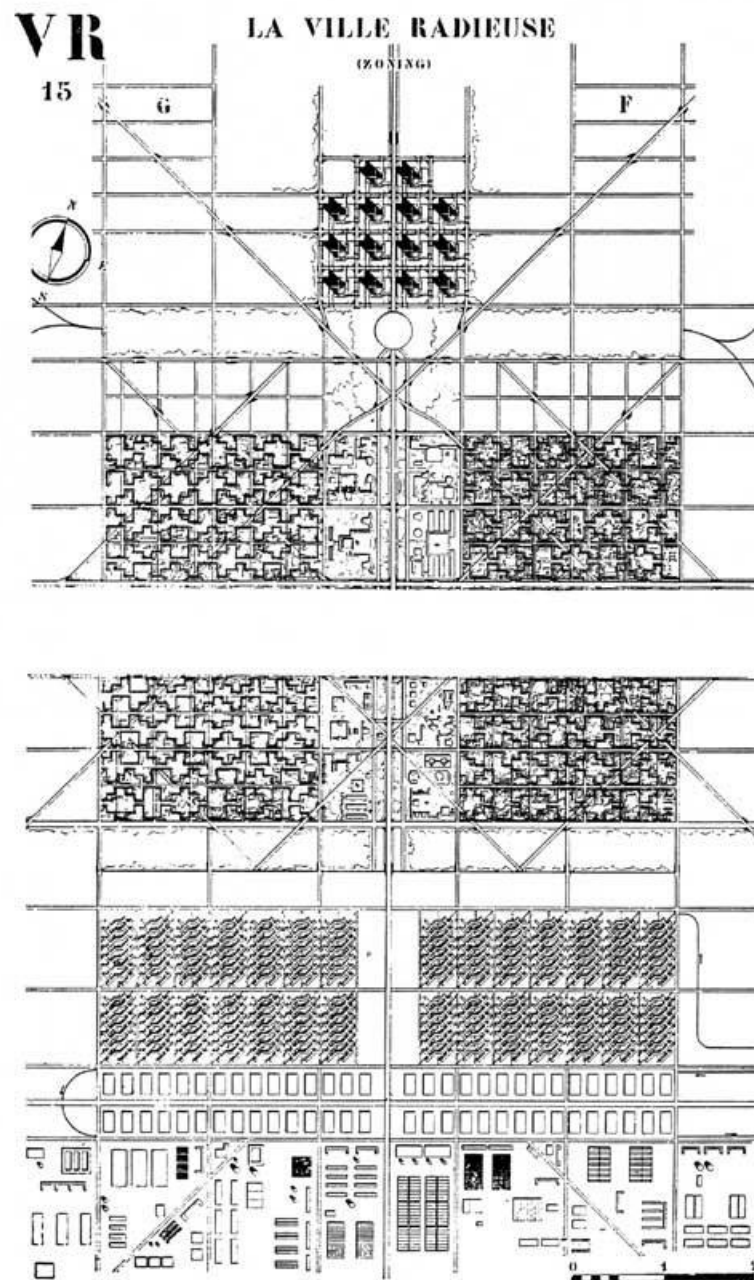


Figura 10: Planta da Ville Radieuse, 1931, mostrando seu zoneamento através de faixas. Extraído de: Archdaily, 2018.

Classificando também a população, Le Corbusier os determina entre urbanos, suburbanos e mistos, dependendo de onde moram e trabalham. Demonstrou também o interesse por uma alta densidade, tendo em vista a diminuição das distâncias a serem percorridas.

Por fim, é importante demonstrar o emprego de uma das características clássicas do Movimento Moderno na *Ville Radieuse*: a larga utilização de pilotis, com todas as estruturas (incluindo garagens e sistemas viários) erguidas, criando um amplo e contínuo parque para o usuário, em nível térreo.

Extremamente criticado por diversos arquitetos, principalmente no período pós-moderno, Le Corbusier ainda assim deixou o legado de sua vila radiante em cidades construídas sob ótica modernista.

6.5 Broadacre City – Frank Lloyd Wright

Frank Lloyd Wright (1867-1959) é o primeiro americano citado neste trabalho, depois de uma hegemonia europeia de teóricos. Wright encara a cidade moderna de forma agressiva, e mesmo com a publicação do primeiro dos três livros (*The Disappearing City*, 1932) sobre o que seria sua cidade utópica sendo contemporânea à *Ville Radieuse* (1935), a maquete apresentada para Broadacre City (1934) não poderia ser mais diversa dos ideais urbanos de Le Corbusier – apesar de ambos trabalharem em tabulas rasas.

Segundo Choay (1965, p. 236), trata-se de “uma teoria do estabelecimento humano que é uma espécie de antiurbanismo”, com a demonstração desta teoria em *The Disappearing City* (1932), *When Democracy Builds* (1945) e, por fim, em *The Living City* (1958). Tal teoria surge depois de anos de reflexão por parte de Wright, e a criação, em 1928, do termo Usonia “para denotar uma cultura igualitária que surgiria espontaneamente nos Estados Unidos” (FRAMPTON, 2008 p.226).

Na utopia, primeiramente cada homem teria direito a, no mínimo, um acre de terra, onde poderia cultivar seu próprio alimento e teria a liberdade da utilização destas terras para trabalho, moradia e/ou lazer, com Wright prevendo que “Não haveria duas casas, dois jardins, duas propriedades [...] que se parecessem” (WRIGHT, 1958 apud CHOAY, 1965 p. 242). A baixa densidade demográfica e a distância entre as pessoas seriam resolvidas através de um sistema viário limpo, com auto-estradas gigantescas que levariam todos a qualquer estabelecimento público necessário. Wright também acreditava na possibilidade do deslocamento humano a curta distância através do transporte público disponibilizado e até mesmo por aviões particulares.

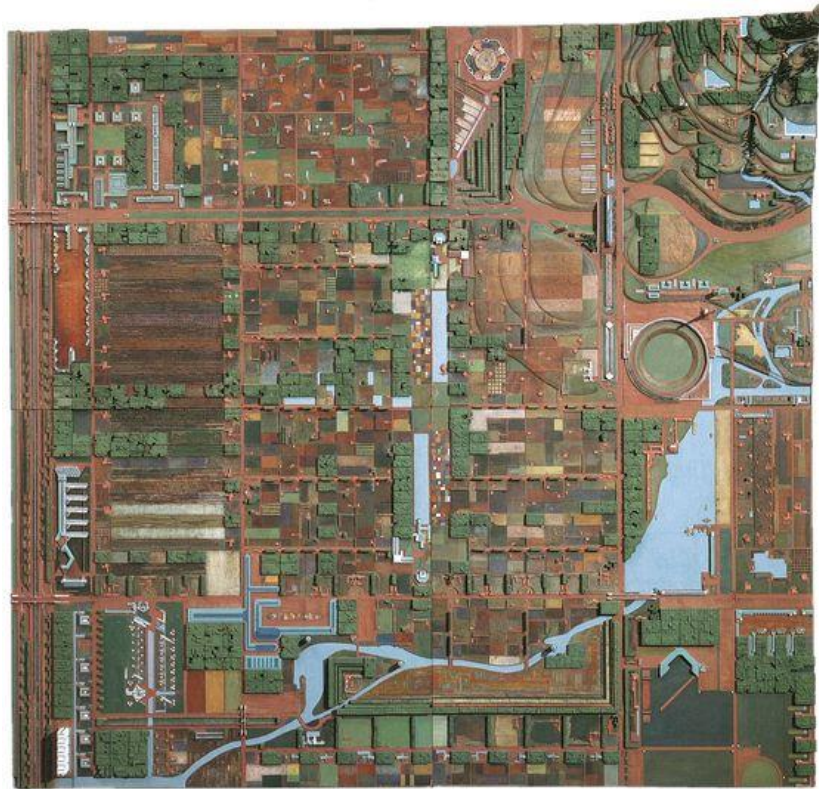


Figura 11: Vista superior da maquete de Broadacre City (1934). Extraído de: Periódico *The New Criterion*, 2018.

Boadacre se espalharia por todo um país de forma natural, substituindo as antigas aglomerações urbanas, como uma evolução do conceito de ocupar. Nesta nova realidade, Wright confiava que três fatores seriam causa e efeito de sua utopia, sendo eles, segundo Frampton:

Identificava as novas formas que transformariam todos os fundamentos da civilização ocidental da seguinte maneira: 1) Eletrificação, a eliminação das distâncias através da comunicação e a constante iluminação da ocupação humana; 2) Mobilização Mecânica, a incomensurável ampliação do contato humano graças à invenção do aeroplano e do automóvel, e, por último, 3) Arquitetura Orgânica, que, embora sempre fugisse a uma definição precisa, parece ter chegado a significar para Wright a criação econômica da forma construída e do espaço de acordo com os princípios latentes da natureza, do modo como estes podem revelar-se através do uso da construção de concreto armado.

(FRAMPTON, 2008 p. 230)

A publicações sobre Broadacre City, bem como sua maquete, só foram realizadas depois da conclusão de seus estudos sobre a utopia. Wright utilizou das reflexões acerca de Broadacre em grande parte de suas obras construídas após a década de 1930, com exemplos no edifício da *Johnson Wax Administration* em Racine – Wisconsin (1936-1939) e na famosa casa Kaufmann

para fins de semana, em Bear Run – Pensilvânia – conhecida como *Falling Water* (1936). Nestas obras, a maior parte dos elementos – e não apenas ornamentação – ganham aspectos orgânicos, refletidos na espacialidade e forma que todo o conjunto reflete, se unindo ao terreno e ao entorno.

6.6 Plug-in City – Archigram

Chegando aos anos 1960, encontra-se talvez as propostas utópicas mais exageradas. O Archigram (1961) foi um grupo de arquitetos formado na Grã-Bretanha, formado pelos arquitetos e designers Peter Cook (1936), Dennis Crompton (1935), Warren Chalk (1927-1987), David Greene (1937), Ron Herron (1930-1994) e Michael Webb (1937). Segundo MONTANER (2011, p.112) o grupo editou a revista *Archigram* (1961-1970), que servia para divulgar seus panfletos e mostrar seus projetos radicais e, em muitos casos, irrealizáveis.

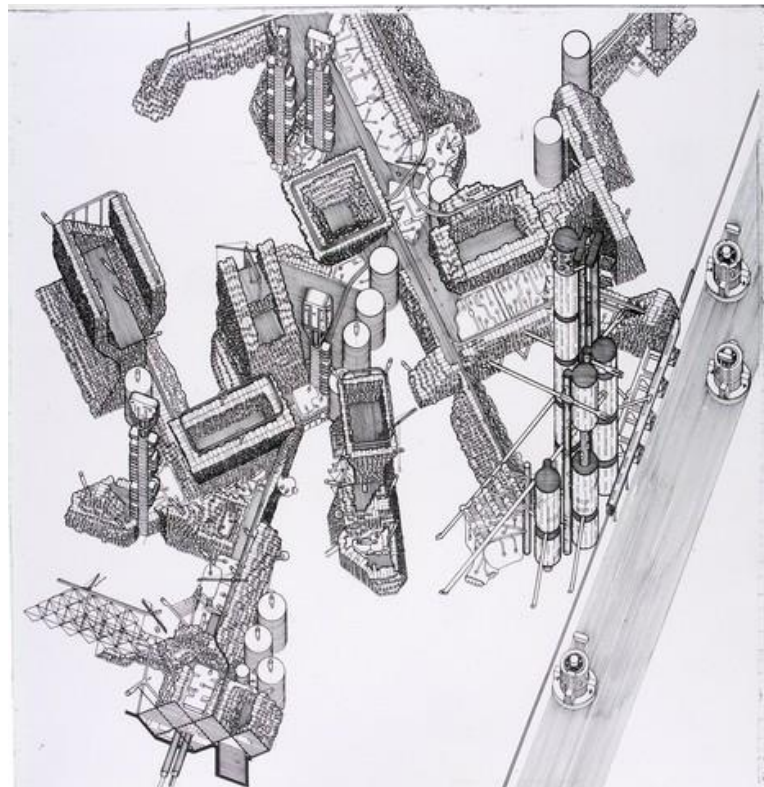


Figura 12: Plug-In City, Peter Cook (1964). Extraído de: Archdaily, 2018

Esses arquitetos acreditavam não apenas que novos materiais poderiam trazer novas modalidades arquitetônicas, mas também viam o emprego da tecnologia avançada como um divisor de águas na concepção de espaços. MONTANER explica sobre as propostas do grupo

estarem baseadas em uma grande liberdade de escolha do usuário, bem como a própria arquitetura se convertendo em *kit*: “elemento substituível, peça transportável.” (MONTANER, 2011, p.113). Percebe-se também, segundo FRAMPTON (2008, p. 342) a ligação entre as imagens neofuturistas projetadas pelo grupo inglês e a influência e estreita ligação com a visão tecnocrática do designer norte-americano Buckminster Fuller (1895-1983).

A casa como capsula, o carro que se transforma em barraca: as propostas convergem em milhares de possibilidades para habitar. Segundo MONTANER:

Desta maneira, o seguinte passo de escala estava estabelecido: elevadas torres tecnológicas com diversos tipos de cápsulas residenciais soldadas a elas. A cidade máquina – e também a cidade carro ou a cidade vertical no espaço – já é possível.

(MONTANER, 2011 p.114)

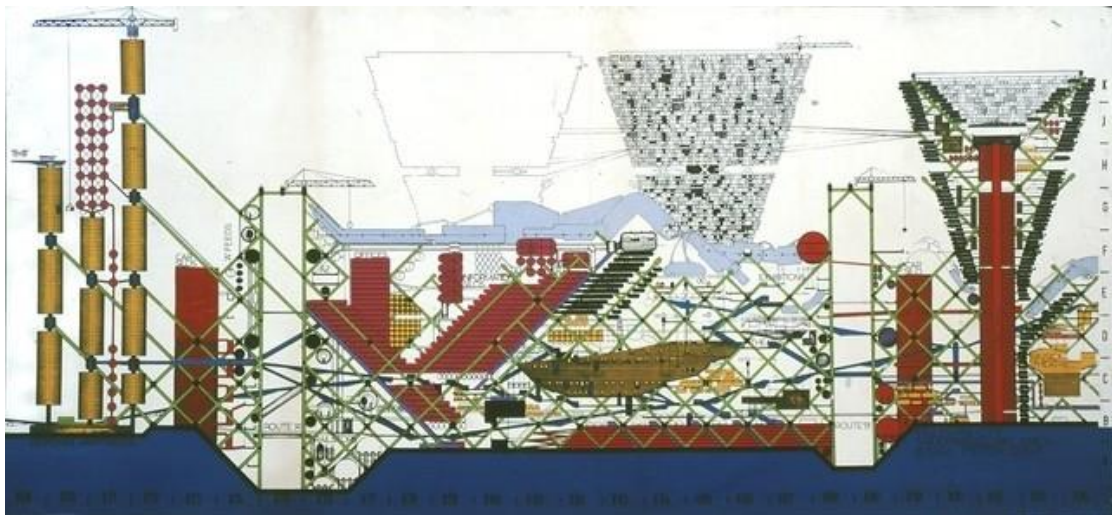


Figura 13: Plug-In City, Peter Cook (1964). Extraído de: Archdaily, 2018

Plug-in City (1964) apresenta-se com uma megaestrutura tecnológica, substituível em seus módulos e erguida por guindastes. As partes físicas seriam interligadas através de conexões, enquanto os sistemas de comunicação e informação funcionariam através de, segundo Silva, M. (2004), “amplas tubulações e articulações metálicas que serpenteavam como passarelas por todos os setores.”

FRAMPTON expõe uma crítica ao trabalho de Cook e sua Plug-In City:

[...] o Archigram não via motivos para preocupar-se com as consequências sociais e ecológicas de suas diversas propostas megaestruturais, das quais a Plug-in City de Peter Cook (1964) foi um exemplo típico.

(FRAMPTON, 2008, p. 343)

O grupo ainda demonstra grande importância nos estudos dos espaços utópicos, pelo ápice tecnológico e por encarar as propostas de um mundo industrial, que produz em série e que se desconecta por completo do passado.

7 Paralelos entre ambiências

Depois da análise dos espaços vividos em *1984* e do estudo aprofundado das teorias de espaços utópicos contempladas no capítulo anterior, é dado o momento de tecer as comparações entre os ambientes. Apesar da narrativa detalhada que Orwell dispõe sobre os espaços vivenciados pelos personagens de sua trama, foi necessário a condensação de conteúdo, a escolha e separação dos espaços em três frentes, abordadas adiante: Espaços internos e áreas de vivência; paisagem e volumetrias urbanas e, por fim, demais descrições e seus paralelos.

7.1 Espaços internos e áreas de vivência

As principais características percebidas na maioria dos espaços internos de *1984* remetem ao módulo mínimo para o usuário do Movimento Moderno, bem como o encontro daquilo que é básico para a sobrevivência do mesmo. Desde as cabines onde o personagem Winston e seus colegas trabalham até os apartamentos onde os mesmos vivem - adequados em tamanho conforme a necessidade do número de usuários de cada apartamento - vemos o uso da unidade mínima para os espaços. Essas percepções são sutis, tendo em vista que a narrativa de Orwell está focada em detalhar os objetos, a conservação dos mesmos e até a disposição deles pelos ambientes, mas não citando o tamanho de tal ambiente - como no caso do apartamento do próprio personagem principal, Winston, mas, mais tarde, comparando-o a outro apartamento no que tange o tamanho:

Voltou para a sala de estar e sentou-se junto a uma mesinha que ficava à esquerda da teletela. [...] Em vez de estar instalada, como de hábito, na parede do fundo, de onde podia controlar a sala inteira, ficava na parede mais longa, oposta à janela. Em um de seus lados havia uma reentrância pouco profunda na qual Winston estava agora instalado e que na época da construção dos apartamentos provavelmente se destinava a abrigar uma estante de livros.

(ORWELL. 2009, p. 16)

O apartamento dos Parsons era maior que o de Winston, e sua esqualidez era de outro tipo. Tudo tinha um aspecto surrado, maltratado, como se um animal grande e violento tivesse acabado de passar por ali.

(ORWELL. 2009, p. 32)

Já no que tange o estado de conservação dos ambientes, Orwell consegue ser mais assertivo, detalhando quase em todos os momentos o que é apresentado ao leitor, levando a

imaginação do mesmo a encontrar cenários degradados ou em estado de ruína, na maioria das vezes, como no trecho a seguir:

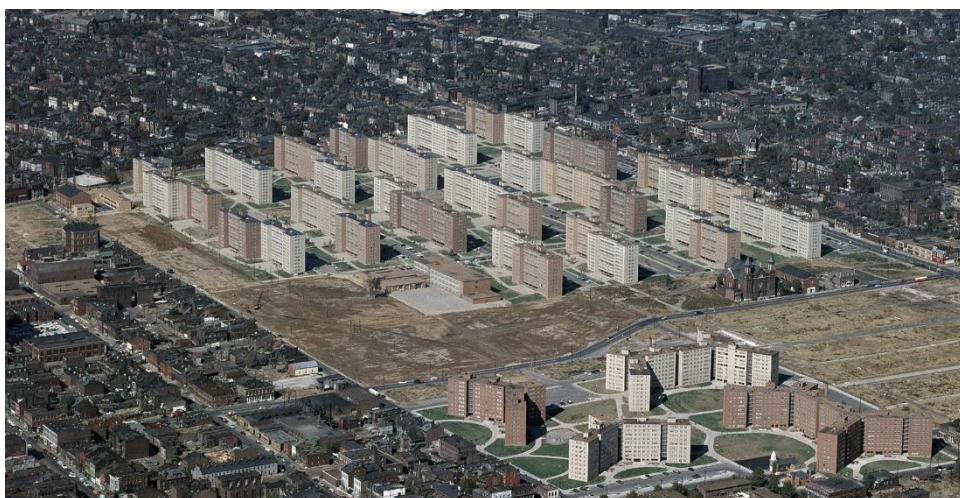
Os apartamentos das Mansões Victory eram antigos, haviam sido construídos em 1930, por volta disso, e estavam caindo aos pedaços. O reboco do teto e das paredes vivia despencando, o encanamento estourava com qualquer geada mais forte, havia goteiras no teto sempre que nevava, o sistema de calefação costumava ser regulado em potência baixa, isso quando não permanecia desligado por razões de economia.

(ORWELL. 2009, p. 32)

É importante novamente destacar que em tais passagens existem semelhanças com o módulo mínimo, o adensamento e até a disposição de elementos de uso essencial com o que vemos também na década de 1930, apresentados pelo Movimento Moderno, como por exemplo na já estudada *Ville Radieuse*, de Le Corbusier. Obviamente o arquiteto moderno não contava com a escassez de manutenção e o péssimo estado de conservação de obras inspiradas pelo modelo de espaço apresentado por Orwell. Contudo, esse destino também é visto em obras que foram além do plano imaginário.

Um exemplo similar de caso de degradação foi um conjunto habitacional dentro das premissas modernistas e levado à ruína pela falta de conservação chamado *Pruitt-Igoe*, construído em Missouri e projetado por Minoru Yamasaki, nos Estados Unidos, destruído em 1972.

Figura 14: Conjunto habitacional Pruitt-Igoe. Extraído de: Archdaily, 2018



Em contrapartida, aos membros do Partido com cargos mais elevados, temos outra noção de espaço:

A atmosfera do imenso bloco de apartamentos, a opulência e a amplidão de tudo, os odores estranhos da comida e do tabaco de boa qualidade, os elevadores silenciosos, subindo e descendo a velocidades incríveis [...]. Conduziu-os por um corredor acarpetado, com papel de parede creme e lambris brancos, tudo extremamente limpo. [...] Winston não se lembrava de algum dia ter visto corredores cujas paredes não estivessem encardidas pelo contato de corpos humanos.

(ORWELL. 2009, p. 202)

Talvez esse espaço faça mais sentido em ser comparado aos espaços para moradia concebidos pelos modernistas, Le Corbusier entre eles.

É descrito também as áreas de uso comum, como a cantina no Ministério da Verdade:

Na cantina de teto baixo situada na parte subterrânea do edifício, longe da superfície do solo, a fila do almoço se arrastava [...]. O ambiente já estava superlotado e o barulho era ensurdecador. O bafo do ensopado escapava pela grade do balcão [...]. No outro extremo da sala havia um pequeno bar, não mais que um buraco na parede, onde era possível comprar gim por dez centavos a dose grande.

(ORWELL. 2009, p. 64)

Tal representação vai completamente contra, por exemplo, os ideais de Garnier e sua Cidade Industrial, que preza principalmente pela higiene e ventilação em seus ambientes internos. Contudo vemos novamente a unidade mínima utilizada, a ausência de elementos decorativos e a função como real razão da quantificação do espaço, remetendo novamente ao Movimento Moderno.

Agora um outro ponto, também relacionado ao ambiente de trabalho de Winston:

Nas paredes da estação de trabalho viam-se três orifícios. À direita do ditógrafo, um pequeno tubo pneumático para as mensagens escritas; à esquerda, um tubo de maior calibre para os jornais; e na parede lateral, ao alcance da mão de Winston, uma grande abertura retangular, protegida por uma grade de arame. Esta última destinava-se aos papéis a descartar. Aberturas similares se espalhavam aos milhares, ou dezenas de milhares, por todo o edifício, fazendo-se presentes não apenas em cada sala, mas também,

a pequenos intervalos, em todos os corredores. Por algum motivo, tinham recebido o apelo de buracos da memória.

(ORWELL. 2009, p. 51)

Aqui encontramos na área de trabalho de Winston uma comunicação através de tubos, bem como o minimalismo em aparência, em semelhança à tecnologia de descarte e acesso à informação que aparece na *Plug-in City*, do *Archigram*, por exemplo. As teletelas como comunicação de duplo sentido (onde não apenas o espectador assiste, mas também é assistido) também remetem a todo o apego tecnológico demonstrado por Peter Cook na *Plug-in City* e, no geral, pelas propostas utópicas criadas pelos integrantes do *Archigram*. Mais tarde a teletela toma novamente lugar de importância em comunicação e vigia, ao ser revelada por trás de um quadro:

Ouviram um estalido, como se uma lingueta tivesse sido destravada, e em seguida um estrépito de vidro se quebrando. O quadro caíra no chão, revelando a teletela atrás dele.

(ORWELL. 2009, p. 261)

Passamos agora a uma última análise de espaços internos: Após a prisão do casal Winston-Julia, separados e levados ao Ministério do Amor.

Estava numa cela sem janelas, de teto alto e paredes cobertas de reluzentes azulejos brancos. Lâmpadas ocultas inundavam o espaço com uma luz branca, e havia um zumbido baixo e constante que ele achava que devia ter alguma coisa a ver com o suprimento de ar. Um banco, ou uma prateleira de largura apenas suficiente para que a pessoa se sentasse corria ao longo da parede com a porta como única interrupção, de um lado, e, na parede oposta, um vaso sanitário de madeira sem assento. Viam-se quatro teletelas, uma em cada parede.

(ORWELL. 2009, p. 267)

Aqui é apresentado um ambiente completamente diferente dos demais. Apesar de ser uma cela (uma entre as várias que o personagem passa durante sua prisão, sendo a melhor descrita), as condições de higiene e os materiais utilizados em sua composição – e até a apresentação de um sistema de ventilação, tendo em vista a ausência de janelas – demonstra novamente os preceitos modernistas de limpeza estética. Em quase todas as outras celas de *1984* são descritas a mesma condição de higiene e ausência de mobiliário ou elementos decorativos.

Junto a elas também encontramos artifícios tecnológicos, sejam eles para prover ventilação, comunicação ou tortura.

7.2 Paisagem e volumetrias urbanas

Enquanto em seus espaços internos encontramos, predominantemente, elementos que remetem aos ideais modernistas, com sistemas operacionais de comunicação que remetem às propostas do grupo britânico *Archigram*, em suas volumetrias também podemos comparar com períodos anteriores ao Movimento Moderno.

Começando pela descrição volumétrica dos quatro edifícios destinados aos ministérios, que são colocados como elementos principais da paisagem urbana da Londres de 1984:

A um quilometro de distância, o Ministério da Verdade, onde ele trabalhava, erguia-se vasto e branco por sobre a paisagem encardida. [...]Em Londres havia somente três outros edifícios de aparência e dimensões equivalentes. Eles tinham o efeito de reduzir tão drasticamente a arquitetura circundante que do telhado das Mansões Victory era possível avistar os quatro ao mesmo tempo. Eram as sedes dos quatro ministérios entre os quais se dividia a totalidade do aparato governamental.

(ORWELL. 2009, p. 13-14)

Neste momento a monumentalidade e geometrização de Boullée é adotada como principal comparativo. Orwell descreve o Ministério da Verdade como uma “enorme estrutura piramidal de concreto branco cintilante, erguendo-se, terraço após terraço, trezentos metros espaço acima” (ORWELL, 2009, p 14). Com tal descrição conseguimos realizar uma comparação com o Cenotáfio, espaço utópico de limpeza material e dimensões colossais. Ambos os edifícios reduzem não apenas o espaço ao redor, mas também o ser humano diante da arquitetura e, mais ainda, sobre o que aquele edifício abriga. No caso do Cenotáfio, os restos mortais de um gênio. No Ministério da Verdade, o poder do Partido.

Os edifícios onde moram os membros do Partido se encaixam nos modelos de adensamento propostos por Le Corbusier e outros arquitetos dentro do Movimento Moderno. Prédios sem adorno, com o uso de vidro e concreto armado como materiais, elevadores e múltiplos andares. É importante lembrar aqui que, mesmo com tais características modernistas, tais prédios se encontram em avançado estado de degradação.

Os setores mais miseráveis descritos por Orwell são datados com construções do século XIX, e não há muitos detalhes sobre suas disposições espaciais em meio a cidade: se esses setores se distribuem entre os edifícios modernos ou se distanciam-se deles, ou até suas ligações e proximidades com os ministérios.

Em uma comparação ousada, a Londres devastada pelo constante estado de guerra seria, a princípio, o cenário perfeito para a transição entre o que existe urbanisticamente até aquele momento e a utopia urbana da Broadacre City, de Frank Lloyd Wright.

Wright afirma que (sobre o usuário) antes da quebra com os modelos de planejamento urbano datados até a década de 1930:

Ele vive em uma cela, no meio de outras celas, submetido ao domínio de um proprietário que geralmente mora no andar de cima [...]. Se ainda não são perfeitos parasitas, seus habitantes vivem parasitariamente. [...] A própria vida é cada vez menos “suportável” na grande cidade. A vida do cidadão “urbanizado” é artificial e gregária; torna-se a aventura cega de um animal artificioso.

(WRIGHT, 1932, apud CHOAY, 1965, p. 237)

Em paralelo, o cenário descrito por Orwell de Londres demonstra um ambiente de destruição que poderia passar pelo processo de antiurbanização, visualizado como consequência natural, que Wright expôs em seus escritos. Em curta análise, Orwell nos mostra a Londres de *1984*:

Será que sempre houvera aquele cenário de casas do século XIX caindo aos pedaços, paredes laterais escoradas com vigas de madeira, janelas remendadas com papelão, telhados reforçados com chapas de ferro corrugado, decrepitos muros de jardins adernando em todas as direções? E os lugares bombardeados, onde o pó de gesso dançava no ar e a salgueirinha crescia e se espalhava sobre as pilhas de entulho? E os locais onde as bombas haviam aberto clareiras maiores e onde tinham brotado colônias sórdidas de cabanas de madeira que mais pareciam galinheiros?

(ORWELL. 2009, p. 13-14)

Contudo, pela leitura de *1984*, é mais fácil entender que o ideal urbano concebido por Wright - de que cada homem tenha seu acre de terra para poder cultivar seu alimento e construir sua casa, bem como se utilizar de carros e outras tecnologias que não sejam de uso de controle

por parte do Partido (como as teletelas e os helicópteros que vigiam a cidade), não são interessantes ao cenário distópico da obra.

Em 1984 o Partido controla a todos: membros do Partido e proletas. A população vive em meio à miséria, com restrições de alimentos, roupas e utensílios de uso básico. Tudo depende do Partido, e é manipulado por ele. Logo, é mais fácil o adensamento dos membros do Partido em edifícios, como as *Mansões Victory*, e a negligência com relação a infraestrutura básica para os proletas, junto à possibilidade de mercado ilegal, lhes conferindo a sensação de falsa liberdade.

Por fim, coletando insumos de todas as descrições dos edifícios e da própria cidade, temos uma Londres com um traçado por setores, pontuada por volumetrias ora colossais, ora miseráveis e com a maior parte das descrições de locomoções urbanas feitas a pé. Uma mistura entre elementos da *Ville Radieuse* (Le Corbusier) – por exemplo, os adensamentos e classificação populacional, bem como as funções de vida na cidade distribuídas e restritas; e a Cidade Industrial (Garnier) com seus prédios centrais institucionais com funções claras e proximidade das partes velhas com partes novas da cidade, além das praças e jardins públicos (usados em 1984, majoritariamente, para demonstração de poder do Partido, ou como visto no derradeiro encontro em Julia e Winston) e a ausência de instituições como igrejas.

7.3 Demais descrições e seus paralelos

Fazendo parte dos cenários descritos em 1984, porém, com conotação diferente às categorias anteriores, há o desejo em situar duas configurações da distopia literária perante às utopias espaciais.

Primeiramente devemos entender que existia todo um país – no caso, a Oceania – fora dos limites de Londres. Era necessário o acesso a essas localidades, e elas eram feitas através de trens. Em uma passagem Winston vai ao campo utilizando o trem, e Orwell explica um pouco do sistema de controle daquele processo:

Para distâncias inferiores a cem quilômetros, não era necessário visto no passaporte, porém às vezes havia patrulhas nas estações ferroviárias e os guardas pediam os documentos de qualquer membro do Partido que encontrassem pela frente, submetendo-os a perguntas inconvenientes.

(ORWELL. 2009, p. 143-144)

A adoção de veículos leves sobre trilhos (VLT) para a locomoção pelo país para a grande maioria da população – aqui sem distinção entre proletas e membros de menor patente dentro do Partido – é o meio de locomoção mais indicado para o contexto urbano desde teorias da Cidade-Jardim, de Howard. Há também o metrô, citado pouco antes do final do livro, que certamente ligava trechos mais longínquos da cidade, tendo em vista a constante movimentação a pé por Winston pela proximidade de sua moradia ao Ministério da Verdade e de outros pontos que frequenta durante o livro.

Outro ponto que nos remete a Howard e seu modelo utópico de Cidade-Jardim – e que se apresenta aqui como o segundo paralelo a ser traçado - se apresenta nos grandes campos aos arredores de Londres, como cinturões verdes, que, apesar de se manterem vigiados através de microfones, ainda se mantêm como áreas rurais. Infelizmente Orwell não adentra em questões como: as pessoas que ali vivem podem cultivar e criar animais para produzir comida, como porcos e vacas? O máximo que conseguimos entender da dinâmica do interior do país se apresenta no breve momento de convívio que Winston tem dentro do trem com um enorme grupo de proletas:

O vagão com assentos de madeira em que Winston viajou estava superlotado com os numerosos integrantes de uma única família [...]. Tencionavam passar a tarde com os “contraparentes” no interior e, como explicaram abertamente a Winston, comprar um pouco de manteiga no mercado negro.

(ORWELL. 2009, p. 144)

Winston adentra ao campo e vislumbra um cenário que aparecia constantemente em seus sonhos. Tal cenário é bucólico e tranquilo, uma pausa da narrativa da cinzenta e destruída Londres para a contemplação da natureza. É em tal local que Winston e Julia se encontram sexualmente nas primeiras vezes, em um poético sentimento de liberdade atrelado a natureza, em interpretação individual.

8 Considerações finais

A princípio a ideia de se traçar paralelos entre uma obra ficcional e teorias espaciais dentro do estudo da Arquitetura e Urbanismo parece negativamente como ou de pouca riqueza documental, ou de incoerência com o objetivo de um Trabalho Final de Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Ao adentrar o trabalho percebemos que identificar tais relações entre opostos – uma literatura distópica e projetos utópicos – requer-se domínio sobre não apenas a literatura ficcional escolhida, mas também o de toda a história envolvendo o maior número possível de teorias espaciais concebidas, desde projetos para edifícios até planejamentos urbanos utópicos inteiros. Mais que isso, é necessário também distinguir o que deve ser recortando entre tantas teorias.

Um exemplo foi o estudo do Metabolismo Japonês (1959) e do Futurismo Italiano (1909), na tentativa de se coletar insumos para este trabalho. Ambos foram descartados dentre as teorias escolhidas por apresentarem pouquíssimos pontos que poderiam ser conectados, de fato, à *1984*. Não há a ideia de se descartar e repor módulos em materiais de produção industrial, como as cabines projetadas pelos Metabolistas, e nem o amor pela velocidade e a subtração de elementos tido como arcaicos (como escadas) do Futurismo Italiano.

Também é importante salientar que, antes da escolha do estudo de caso de *1984*, duas outras obras foram consideradas para traçar tais paralelos: a trilogia *Jogos Vorazes* (COLLINS, 2011) e *Admirável Mundo Novo* (HUXLEY, 1932). Em ambas temos cenários distópicos, contudo com características completamente diferentes entre seus direcionamentos. Por fim o critério de escolha se ateu ao livro que possuía mais riqueza de informações espaciais, bem como a maior gama de paralelos possíveis.

Ao concluir este trabalho é naturalmente perceptível o fácil emprego daquilo que é criado como perfeito e ideal para o usuário em um cenário de caos, simplesmente com intuito de controle e submissão. O propósito aqui não é simplesmente mostrar um domínio sobre o que foi aprendido durante a faculdade, mas sim a sabedoria de interligar tais pontos com visões diversas, o que é crucial para a formação completa de um Arquiteto e Urbanista, que irá lidar com a influência de tantas teorias sobre métodos de construção e planejamento em seu trabalho diário, que quase sempre foge do cenário ideal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ORWELL, George. **1984**. Tradução Alexandre Hubner, Heloisa Jahn; posfácios Erich Fromm, Ben Pimlott, Thomas Pynchon. 28ª reimpressão - São Paulo - Companhia das Letras, 2009.

BENEVOLO, Leonardo. **História da Cidade**. Tradução Silvia Mazza. – 5ª ed. - São Paulo - Perspectiva, 2012.

CHOAY, Françoise. **O Urbanismo**. 3ª ed. – São Paulo – Editora Perspectiva, 1992

FRAMPTON, Kenneth. **História crítica da arquitetura moderna**. Tradução Jefferson Luiz Camargo; revisão técnica Julio Fisher. – 2ª ed. – São Paulo - Martins Fontes, 2008

MONTANER, Josep Maria. **Depois do movimento moderno**. Arquitetura da segunda metade do século XX.; tradução Maria Beatriz da Costa Mattos; revisão técnica Maria Luiza Tristão de Araújo. – 1ª ed. Barcelona - Editorial Gustavo Gili, 2011

DELLA MANNA, Eduardo. **Broadacre City**: meio ambiente, desenvolvimento sustentável e ecologia social. Arqtextos, São Paulo, ano 08, n. 095.02, Portal Vitruvius, 2008.

Disponível em <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/08.095/148>>. Acesso em 20 jun. 2018

HILÁRIO, Leomir Cardoso. **Teoria crítica e literatura**: A distopia como ferramenta de análise radical da modernidade. Anu. Lit., Florianópolis, v.18, n. 2, p. 201-215, 2013.

Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/viewFile/2175-7917.2013v18n2p201/25995>> Acesso em 11 jun. 2018.

MILLER, Michelle. **Clássicos da Arquitetura**: Mausoléu para Newton / Etienne-Louis Boullée [AD Classics: Cenotaph for Newton / Etienne-Louis Boullée]. 2016. ArchDaily Brasil.

Disponível em <<https://www.archdaily.com.br/br/793749/classicos-da-arquitetura-mausoleu-para-newton-etienne-louis-boullee>> Acesso em 17 jun. 2018.

SILVA, Kleber Pinto. **A ideia de função para a arquitetura:** o hospital e o século XVIII – parte 5/6. Função, um Conceito? - Função x Funcionalidade x Funcionalismo. *Arquitextos*, n. 016. Texto Especial nº 095. São Paulo, Portal Vitruvius, 2001.

Disponível em <www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp095.asp>. Acesso em 17 jun 2018.

SILVA, Marcos Solon Kretli da. **Redescobrimo a arquitetura do Archigram.** *Arquitextos*, ano 04, n. 048.05, São Paulo, Portal Vitruvius, 2004.

Disponível em <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.048/585>>. Acesso em 17 jun 2018.

FIEDERER, Luke. **Clássicos da Arquitetura:** Projeto Habitacional Pruitt-Igoe / Minoru Yamasaki [AD Classics: Pruitt-Igoe Housing Project / Minoru Yamasaki] 19 mai 2017. ArchDaily Brasil. (Trad. SOUZA, Eduardo)

Disponível em <<https://www.archdaily.com.br/br/871669/classicos-da-arquitetura-projeto-habitacional-pruitt-igoe-minoru-yamasaki>>. Acesso em 22 nov 2018